

E se no confronto entre o velho e o novo nascer uma coisa *outra*?

Olhares feministas sobre o Fórum Social Mundial de 2005

Boaventura de Sousa Santos diz no seu livro que *no Fórum Social há um confronto permanente entre o novo e o velho* (Santos, 2005: 111)¹ e isso é, para mim, o anúncio inequívoco do dinamismo irreverente do FSM.

O que nos impele a ir e a voltar ao FSM é ter a certeza de que, neste processo, fazemos parte constitutiva de um movimento. Levamos connosco as nossas histórias, contextos, heranças, e ignorâncias e confrontamos todas essas *velharias* com as *velharias* de todas as outras pessoas. Nesse confronto singular cria-se uma coisa *outra* que, ainda não tendo nome, não nos extirpa das nossas raízes e é isso que nos permite pensar, dizer, fazer em conjunto.

Permito-me pensar e afirmar que no FSM o que nos preocupa não é a procura de uma coisa nem que seja a *outra coisa* mas sim o enfrentamento, a capacidade de dizer não, sim e meditar um talvez. Por isso esse lugar e esse tempo de confronto é tão interessante e tão importante para exercitar a nossa energia e a nossa libertação.

Diz-se no livro de Boaventura de Sousa Santos que o Fórum Social Mundial é uma utopia realista (*Ibidem*, 113) e creio que ele tem razão porque o Fórum é já a realização de muitas das coisas que não têm lugar nem sentido no projecto e na expansão neoliberal. Aquele é onde todas e todos nos permitimos experimentar, perguntar, realizar, sonhar e projectar, para além do horizonte finito daquele encontro; tudo isto é o que nos fará mover, de novo, em direcção ao que pensamos serem os laços que nos unem, às lutas que nos mobilizam, aos motivos dos nossos desassossegos.

O mundo é realmente grande e imensa a imaginação das suas comunidades. Uma vez isto aprendido não podemos voltar às nossas raízes sem

¹ Santos, Boaventura de Sousa (2005), *O Fórum Social Mundial: Manual de Uso*, Porto: Afrontamento

pensar nas opções (Santos, 1996)². Nesta fantástica utopia que se realiza entre a procura, o encontro e o confronto, traduzir entre práticas e saberes (Santos, 2005: 116-126) não é apenas uma necessidade mas é também um desejo. Essas traduções vão-se processando lentamente mas os seus resultados são surpreendentemente fortes criando mais do que meras articulações. Elas providenciam já, novas maneiras de saber coisas e também de as fazer tendo como horizontes quer a urgência das lutas mas também os afectos que as tornam possíveis.

É por tudo isto que este encontro que é o Fórum Social Mundial, nas suas versões 'americanas', 'indiana' e, num futuro próximo, africana representa um *tremendo potencial (...) emocionalmente inesquecível de pessoas, ideias e emoções (Ibidem, 77)*. Não podemos esquecer que aquilo que muitos, cepticamente, designam como 'a peregrinação solidária, secular e burguesa do século', é uma condição de possibilidade da geração de mais democracia ao nível global e que não usa apenas o *campus* cognitivo e mental como constitutivo das alternativas emancipatórias que imagina e realiza.

Boaventura de Sousa Santos levanta também no seu livro um problema vital a este espaço-movimento que são os Fóruns, mundiais, continentais, nacionais, temáticos ou sectoriais, ou seja, a democracia interna com que se constroem. Vejo essa importância expressa, sobretudo, nas teses 10, 11 e 12 (*Ibidem*, 108-109).

A capacidade de transformar todas as relações sociais em 'preço', substituindo o valor atribuído pelas sociedades às suas múltiplas e diferentes inter-acções, tem vindo a sobredeterminar a vida de movimentos associativos, cooperativos e mutualistas que de uma maneira geral se designam de 'sociedade civil'. Efectivamente, instrumentalizados pelos Estados e pelo Mercado, servindo de travões ou amortecedores aos problemas que as sociedades enfrentam, sem

² Santos, Boaventura de Sousa (1996), "A queda do Angelus Novus", Revista Critica das Ciências Sociais, 45, 5-34

tempo nem espaço para averiguar da sua vocação e da sua função, estão e são, muitas vezes, reféns de processos pouco democráticos. Pensar e praticar uma *democracia sem fim*, não apenas como reivindicação para fora, mas exigência de dentro, é hoje central para poder construir qualquer *outro mundo que seja possível*. Democracia neste âmbito não é apenas a regulação das relações formais de poder, mas a democracia cognitiva, sexual, ambiental, política entre outras.

Boaventura de Sousa Santos captura bem, do meu ponto de vista, esta centralidade da democracia no seio do FSM e com a sua análise, permite densificar, a cada passo dado, a democracia que todas e todos desejamos ver e realizar, sem evitar os dilemas e os problemas que tal busca implica.

É neste ponto focal que se desenvolve a crítica feminista ao FSM. Democratizar significa dar expressão e espaço de enfrentamento a todas e a todos, aperfeiçoando os modos de tornar presente o que tem estado ausente e fazendo emergir o que ainda é apenas um sinal, um indício (*Ibidem*, 19 e ss; 28 e ss)

Penso que é muito importante falar sobre a metodologia que foi usada na realização deste último Fórum Social Mundial. Esta metodologia foi pensada no sentido de **deixar aos movimentos sociais, e não ao Comité Internacional, a responsabilidade e o poder de decisão** sobre as actividades a serem desenvolvidas. Esta foi uma **tentativa inovadora**, que responde em parte à necessidade de maior articulação e diálogo entre movimentos, e, por outro lado, à urgência de um aprofundamento da democraticidade interna do movimento. A metodologia proposta pretendia ainda facilitar e promover o desenho e a construção de alternativas sociais, culturais, económicas e políticas concretas, no sentido de se caminhar para estratégias propositivas de impacto global.

Porém, é minha convicção, esta experiência concreta mostra que é preciso cuidar ainda mais da democratização da democracia para **salvaguardar**

algumas questões fundamentais, como veio a ser apontado por diferentes movimentos sociais e plataformas.

Apesar de todo o caminho percorrido a construção da agenda destes 6 dias, produziu alguns enviesamentos e efeitos indesejados, que reproduzem, a meu ver, precisamente o mundo que não queremos.

- **A nova metodologia não alterou, de facto, as relações de poder desiguais, existentes entre as organizações e movimentos sociais.**

As grandes organizações substituíram, de certa forma, através das suas actividades, as grandes conferências e seminários. Dada a sua capacidade de mobilizarem recursos materiais e de reconhecimento, estas viabilizaram a presença de 'personalidades' nas suas oficinas, assembleias e seminários, que em muito pouco se distinguiram das grandes conferências das edições anteriores. Perante esta realidade, parece ser legítimo colocar a hipótese de haver menos controlo democrático global sobre a organização de actividades de 'grande porte' e, que são, potencialmente fazedoras de opinião.

- **A ideia de transversalidade cria uma espécie de meta-conceito que muitas vezes se transfigura numa hiper-invisibilidade.**

Afirmar que, por exemplo, o género deve ser um eixo transversal a todas as actividades não assegura, por si só, que as perspectivas de género e a paridade se efectivem na construção e desenvolvimento das oficinas, seminários e assembleias. As estruturas sociais, culturais e mentais excludentes e sexistas estão a montante da construção do FSM.

O sexismo e outras formas de exclusão (como a homofobia, p.e.) constituem uma realidade que necessita de actos perseverantes de afirmação positiva, de uma vigilância persistente e democrática das práticas e discursos e de uma hermenêutica da suspeita sobre os princípios retóricos proclamados pelos movimentos e organizações que não se traduzam em práticas não-sexistas, não-discriminatórias e não-violentas.

É essa a importância das mega-comunidades: funcionarem como espelhos de aumento sobre todas as formas de violência, discriminação e exclusão. Uma vez que a mega-comunidade não funcionou como o lugar de oposições e resistências, assim como de construção colectiva de alternativas, neste FSM deu-se uma maior invisibilização das mulheres e de outras identidades, 'baseadas na raça ou ascendência' e, ainda, na orientação sexual.

- **A 'nova' metodologia adoptada para este Fórum tornou-se, em si mesma, uma quase entidade política e não apenas num instrumento de democratização das relações entre as organizações e movimentos que constituem o Fórum.**

A centralidade desta discussão sobre a 'metodologia' traz consigo dois problemas:

1. O primeiro é a ideia de que o *deficit* democrático presente no processo de construção do FSM se poderá resolver, em grande medida, através deste instrumento, reduzindo as discussões políticas ao nível global (difíceis, cheias de equívocos e constrangimentos, necessitando de uma enorme capacidade de tradução, paciência, solidariedade e justiça sexual e cognitiva) a um dispositivo metodológico de organização. Confundir as instâncias do político com as instâncias metodológicas é já um perigo. É necessário continuar a assumir que a politização do espaço público comum é que tem que ser realmente democratizado.
2. O segundo perigo corresponde à pouca profundidade com que a questão metodológica é abordada e discutida enquanto instrumento facilitador, promotor da densificação e intensificação de relações democráticas e de *autoridade partilhada*, ou reproduzidor de um sistema de pensamento e conhecimento autoritário e hierárquico. Numa parte significativa das actividades propostas e

desenvolvidas pelas organizações e movimentos participantes, assistiu-se à reprodução de um modelo efectivamente hierárquico de discussão. As 'mesas' de palestrantes, as mini-conferências seguidas de simulacros de debate e troca de opiniões, para além de não promoverem quase nenhuma inter-actividade ou inter-subjectividade, são em geral, a uma outra escala, a re-edição dos modelos escolásticos e académicos.

Este FSM colocou em evidência o exercício de relações de poder, muitas vezes pouco democrático, entre movimentos sociais, organizações de base, sindicatos e associações. Esta metodologia teve, porém, o mérito de revelar os perigos de exclusão, que permanecem, para os que têm menos recursos e voz. Demonstrou também que não controla democraticamente, a auto-capacidade de produção de uma **visibilidade "inflacionada"** por parte de alguns movimentos e organizações, cujas preocupações e propostas são, como é óbvio, pertinentes, mas tão pertinentes como todas as outras que cada uma e cada um quer levar até ao Fórum.

Os contributos de cada organização ou movimento, não passam sempre, não podem nem devem passar sempre, por convidadas/os famosas/os ou espaços gigantes que esvaziam os restantes ditos "pequenos" espaços com "pequenas" pessoas. Os processos têm de ser assumidos por identidades diversas e múltiplas, na "polifonia de vozes" para que não sejam apenas, os homens brancos, jovens e burgueses, os 'rostos' das/os novas/os sujeitas/os históricas/os que lutam contra o pensamento único do neo-liberalismo. Assim, as mulheres repetem, porque dizendo e repetindo parece que a realidade se aproxima mais depressa, ***outro mundo não será possível sem uma revolução feminista!***

Este foi um risco que o Fórum não pode voltar a correr, o de perder pelo caminho de forma inadvertida e sub-reptícia os seus princípios fundadores: a paridade, a igualdade, e a inquestionável solidariedade na diversidade.

Creio que as palavras de Arundhati Roy são claras quanto ao propósito desta crítica que mais não pretende do que tornar visível a profundidade da desejada *democracia sem fim* no Fórum Social Mundial:

*Uma luta que não tem mulheres no seu cerne, acima, abaixo e por dentro não é luta nem nada.*³

É de tudo isto que trata o livro de Boaventura de Sousa Santos, *O Fórum Social Mundial: Manual de Uso* colocando em evidência que uma coisa *outra* já está acontecer.

Março de 2005

Teresa Amal

³ Excerto do discurso pela Paz de Arundhati Roy quando recebeu o Prémio Paz de Sidney e pode ser encontrado no seguinte endereço electrónico: http://resistir.info/asia/arundhati_25nov04.html acedido em 11 de Abril de 2005